

O SANTO GUERREIRO  
E O DRAGÃO DA MALDADE

---

Claudio Cezar Henriques  
(UERJ)

*Gramática nunca mais: o ensino da língua padrão sem o estudo da gramática*, de Luiz Carlos de Assis Rocha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, 1 vol.

O mesmo autor de *Estruturas morfológicas do português* (Belo Horizonte: UFMG, 1998), obra conceituada nos meios acadêmicos brasileiros, acaba de lançar no mercado um livro cujo título desperta alguma curiosidade. Pelo menos é o que sugere a pergunta que lhe faz a jornalista em entrevista: *Abolir a gramática dos ensinos médio e fundamental não seria radical demais? O senhor não teme que, se a medida for colocada em prática, o ensino do Português vire uma bagunça?*

A resposta não está no jornal. Está no livro, que tem doze capítulos. Nos cinco primeiros, Luiz Carlos trata da política do ensino, das dificuldades do trabalho docente, dos variados perfis de professor de Português. Responde satisfatoriamente a perguntas como: *Que "português" ensinar?* ou *O que é língua padrão?* ou *Como conciliar a língua padrão, a língua literária e o dialeto do aluno?* Suas opiniões ao longo desses cinco capítulos (vão até a página 79) não diferem muito das que defende a maioria dos trabalhos recentes: a língua padrão precisa, sim, ser ensinada na escola; o ensino da gramática como um fim em si mesmo é prejudicial à aprendizagem da língua portuguesa padrão; a sala de aula é o espaço apropriado para inspirar a convivência com a diversidade lingüística sem estigmatizações, embora a ênfase deva estar no ensino da modalidade padrão.

Tudo indica então que o livro vai levar o professor para a leitura de uma proposta metodológica já assimilada a partir de outros títulos também antieufêmicos (disfêmicos seria muito forte!), como *Por que (não) ensinar gramática na escola*, *Sofrendo a gramática* ou *Dramática da língua portuguesa* (respectivamente, de Sírio Possenti, Mário Perini e Marcos Bagno), entre tantos outros.

O roteiro desse filme, porém, começa a mudar no sexto capítulo, “O Ensino da Língua Padrão”, que defende que “o estudo da gramática é prejudicial aos alunos”... “seja ela qual for – normativa, descritiva, de uso, instrumental, funcional, teórica, reflexiva, estrutural, gerativa, tradicional, histórica, etc.” Ufa!

A metralhadora de Rocha vai em frente e estraçalha qualquer vestígio de respiração desse ser abjeto chamado “gramática”. Os sofismas de que se vale parecem bem elaborados, mas bastaria dizer – e uma única vez – que o nome da disciplina que faz parte do currículo dos ensinos fundamental e médio é Língua Portuguesa, e não Gramática. A repetição chega a ser doentia: saber português não é saber gramática... saber gramática não é saber português...

Terminada a guerra do capítulo seis, espera-se que entre em cena o mocinho do filme, o professor de língua padrão, o santo guerreiro que vai levar os alunos indefesos ao paraíso da expressão lingüística de prestígio. Em vão! O capítulo sete, “Treinamento em língua padrão”, começa com a preocupante afirmação de que o método do autor (o método GNM, *Gramática Nunca Mais*) “pretende ser orgânico e não, um emaranhado de condenações e de sugestões, como se encontra em muitos artigos e livros que tratam do assunto” (p. 116). Sua proposta se concretiza por meio do TLP (*Treinamento da Língua Padrão*), e o autor defende que “do mesmo modo como o aluno sente curiosidade com relação a determinadas experiências na aula de Ciências, com relação à situação política na África do Sul ou ao desfecho da Guerra das Malvinas, também o aluno se sentirá gratificado ao poder dominar com tranquilidade o emprego do verbo *haver*” (sic).

Começamos a pensar que o herói do filme talvez esteja se bandeando para o lado das forças do mal. Para piorar, vemos ao longo dos capítulos 7, 8 e 9 (p. 115-263) um lote exaustivo dos exercícios que o autor considera prototípicos de seu método. Repito: são 148 páginas que, apesar de não conterem nenhuma cobrança de terminologia gramatical; não fariam inveja a nenhum dos mais antigos manuais do tipo *Não erre mais! 100 textos errados e corrigidos!* e outros congêneres.

Seleciono dois para quem não pretende ver o filme.

O enunciado de um deles é: “Complete as lacunas com os verbos indicados entre parênteses + HAVER (observe se a ação ou o fato se passa no presente, passado ou futuro e conserve o mesmo tempo)” (p. 169). O exercício pretende ensinar ao aluno estruturas como “Não *pode haver* condições de resolver o problema” ou “Depois da revolução, todos pensavam que *fosse haver* muitas intrigas palacianas” (p. 170-2), fazendo-o preencher as lacunas de vinte frases, comparadas com outras vinte nas quais o verbo *haver* está empregado sem o auxiliar. Até a página 180 do livro, segue a exercitação com o verbo *haver*, indicando tempo decorrido, como sinônimo de *existir*, como auxiliar de tempo composto, com o valor de *dignar-se*...

Outro deles começa com a palavra de ordem: “DESAFIO: Vamos ver se você é capaz de preencher os espaços corretamente com *a, as, à, às*” (p. 191). Até a p. 205, o autor oferece 112 frases para preenchimento de lacunas com um desses nossos amigos monossílabos. Estão lá os casos dos topônimos e antropônimos, dos pronomes possessivos, das locuções adverbiais femininas, etc., etc.

É proibido usar a gramática para explicar? Propomos então uma nova sigla, ApO ou ApC (*Aprendizagem por Osmose* ou *Aprendizagem por Cansaço*). Afinal, o método GNM oferece a garantia de que, de tanto fazer exercício, o *camarada* vai acabar aprendendo mesmo!

Para culminar, o autor propõe ainda uma tabela de pontuação para que o avaliado (avariado?) confira seu desempenho.

Assim, na p. 235, após enfrentar o desafio de colocar vírgulas (de ouvido?) num texto de nove linhas, aparece um “Confira a sua cotação: 10 a 13 acertos: ÓTIMO; 7 a 9 acertos: BOM; 4 a 6 acertos: REGULAR; 0 a 3 acertos: ATENÇÃO!” Lembra-me o livrinho *Teste seu português! Ora pois...*

Seguem-se os três últimos capítulos: “A importância das outras disciplinas para o ensino do português padrão” (cap. 10, p. 265-72); “O ensino de português no curso médio” (cap. 11, p. 273-7); e “O ensino de português no curso superior” (cap. 12, p. 279-300). Retoma-se a orientação da primeira fase do livro. O autor apresenta boas idéias a respeito do papel do professor e do ensino, valoriza o estudo com afinco dos conteúdos de Língua Portuguesa e Lingüística e critica as atitudes preconceituosas de algumas manifestações do ambiente universitário.

Sua conclusão, enumerada em 16 *mandamentos* (que ele chama de “princípios”), faz lembrar a pergunta da jornalista: *O senhor não teme que, se a medida for colocada em prática, o ensino do Português vire uma bagunça?* Luiz Carlos de Assis Rocha garante que o risco inexistente e propõe não só que os “estudos gramaticais sejam banidos das escolas de nível fundamental e médio” como também que “as gramáticas tradicionais, tais como são apresentadas hoje, não sejam mais publicadas” (p. 304).

Parece-me, pois, que o livro é, infelizmente, a frustração da tese do santo guerreiro, que mata o dragão errado e se esquece de que não se pode sonegar ao estudante a oportunidade de refletir sobre aquilo que o distingue, que é a linguagem articulada. Nem ao professor a chance de dialogar com seus alunos a respeito do paradoxo entre a perenidade e a fragilidade das regras e convenções, inclusive gramaticais, explorando seus usos e suas oscilações e tendo o direito de explicar a linguagem metalingüísticamente.

*Gramática nunca mais* pode ser um bom título para vender livro, mas o bom professor e o bom aluno de Língua Portuguesa sabem que não se mata a gramática e que dela também não se pode ser escravo...